

EÇA NO EGITO: ENCANTO E DESENCANTO DA CIDADE ORIENTAL

Vera Chacham

Universidade Federal de Minas Gerais

“**A**queles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do oriente”.¹ Assim Eça de Queiroz inicia sua narrativa sobre o Cairo, nas notas da viagem que fez ao Egito;² percebe-se desde então que a descrição da cidade não será conduzida a partir de uma simples contraposição entre barbárie oriental e civilização ocidental. Ao contrário, logo no início Eça mostra-se disposto a questionar os valores desta civilização, que é a sua, cujo principal espelho e realização encontra-se na cidade ocidental. Aí, nos diz Eça,

as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas. As figuras são triviais; as fisionomias vulgares, esbatidas, uniformizadas pelo tédio e as dificuldades da vida; os vestuários são escuros, estreitos, econômicos. O gás, à noite, perfila a sua linha bocejante, o rodar das carruagens e das carroças abala o chão com uma brutalidade ruidosa. Tudo é correto, alinhado, perfilado, medido e policiado.³

¹ QUEIROZ, 1979, p.718.

² Originalmente, *O Egito* compunha-se de uma série de notas “soltas, de descrições independentes” que, reunidas pelo filho do autor anos após sua morte, davam conta de “todo um Oriente confuso e rutilante que era necessário organizar, dispor segundo um plano que desse coesão à viagem e unidade ao livro”. QUEIROZ, 1979, p.675.

³ QUEIROZ, 1979, p 718.

Nas cidades da Europa as ruas são *direitas*, ladeadas de *fachadas largas* e *caíadas* mas, inevitavelmente (ou conseqüentemente), *inexpressivas* como rostos idiotas, *monótonas*, suas figuras são *triviais*, as suas fisionomias *vulgares*, *esbatidas*, *uniformizadas* pelo tédio e pelas dificuldades da vida. De uma descrição que se inicia objetiva, “ruas direitas, caíadas, ladeadas de largas fachadas”, Eça passa a uma avaliação claramente subjetiva, tanto no que se refere ao caráter explícito de sua opinião como à estratégia de humanização negativa das ruas “inexpressivas como rostos idiotas” e de desumanização ou coisificação dos homens: “fisionomias vulgares, esbatidas, uniformizadas, com vestuários escuros, estreitos, econômicos”. Como se a rua se refletisse nos habitantes e vice-versa.

Nesse mundo desencantado, racionalizado, o homem torna-se um *animal policiado*, sem imaginação. Torna-se embrutecido, sem o componente que o distingue dos animais. Resultado de um processo de racionalização urbana elogiada de forma irônica por Eça, o caráter das ruas da cidade européia não parece corresponder às necessidades humanas, confrontando a natureza: “É decerto excelente para a segurança, para a justiça, para a propriedade, para a ordem: é mesmo indispensável. (...) Tudo está contente no animal policiado – exceto a imaginação.”⁴

Eça esteve no Egito em 1869.⁵ No final da década anterior Haussmann dava início ao processo de remodelação e reconstrução de Paris, na qual espaçosos bulevares preparavam a cidade para o tráfego intenso de veículos pesados e multidões de passantes.⁶ De

⁴ QUEIROZ, 1979, p.718.

⁵ Eça ficou no Egito durante aproximadamente um mês, tendo partido de Lisboa em fins de outubro de 1869 e chegado a Alexandria no começo de novembro; foi à inauguração do Canal de Suez – o pretexto de sua viagem – em 17 de novembro, fez uma rápida viagem à Palestina e Alta Síria, voltando a Portugal no final de dezembro.

⁶ “Os novos bulevares permitiram ao tráfego fluir pelo centro da cidade e mover-se em linha reta, de um extremo ao outro (...). Além disso, eles

fato as cidades européias, no século XIX, sofrem reformas para facilitar o fluxo de mercadorias, de pessoas e de capital, assim como para exibir os símbolos do novo poder da burguesia. Na década de 1860, Viena ganhava sua Ringstrasse e, “por volta de 1880, os padrões de Haussmann foram universalmente aclamados como o verdadeiro modelo do urbanismo moderno. Como tal, logo passou a ser reproduzido em cidades de crescimento emergente, em todas as partes do mundo, de Santiago a Saigon”.⁷

Escrevendo pouco após a reforma de Haussmann e percebendo já sua repercussão para além de Paris e da Europa, não parece haver dúvida de que essa profunda e ampla transformação urbana informa as reações e a busca de Eça nas cidades orientais. A referência ao engenheiro, direta ou indiretamente, é recorrente.⁸

Poderíamos dizer, assim, que, se o deslumbramento em si – a própria busca – de Eça pela “cidade oriental” não é original ou novo, possui no entanto novos contornos e sentidos. É verdade que para Flaubert, por exemplo, o oriente aparece “como uma alternativa visionária que significa uma *cor deslumbrante*, em *comparação* com

eliminar as habitações miseráveis e abririam “espaços livres” em meio a camadas de escuridão e apertado congestionamento. Estimulariam uma tremenda expansão de negócios locais, em todos os níveis, e ajudariam a custear imensas demolições municipais, indenizações e novas construções. Pacificariam as massas, empregando dezenas de milhares de trabalhadores(...). Por fim, criariam longos e largos corredores através dos quais as tropas de artilharia poderiam mover-se eficazmente contra futuras barricadas e insurreições populares.” BERMAN, 1987, p.146.

⁷ BERMAN, 1987, p. 147.

⁸ De modo que o olhar e a narrativa do escritor estão marcados também por essa transformação visível das cidades, mas não se trata de uma transformação somente física. Como nos diz Berman, “Baudelaire nos mostra algo que nenhum escritor pôde ver com tanta clareza: como a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos” BERMAN, 1987, p.143.

a tonalidade acinzentada da paisagem provinciana francesa”.⁹ Mas, se é verdade que para Eça a comparação entre oriente e ocidente passará também pelo colorido, pelo espetáculo excitante, pelo mistério, o contraste não se dá apenas com a província europeia, mas com a grande cidade ocidental. Esta nos parece uma diferença relevante no que diz respeito à originalidade do texto do autor português. E é o que pretendemos analisar.

Contudo, também Eça parece enquadrar-se dentro do modelo proposto por Said para se compreender as formas pelas quais o ocidente, neste caso a narrativa de viagem ocidental, apreende o contato com o oriente, “no caso” o Egito, em um fenômeno ou estratégia de discurso denominada por Said como *orientalização do oriental*. O olhar de Eça, o que ele vê, está em muito informado por suas leituras, por séculos do imaginário ocidental sobre o oriente, por mil anos de domínio cristão, para além de Marco Polo, as “Mil e uma noites”, lendas sem nome e sem autor.¹⁰ De modo que o oriente é em parte um velho conhecido. Segundo Said:

(...) Todo um arquivo internamente estruturado é construído a partir da literatura que pertence a essas experiências. Disso se origina um número restrito de típicas encapsulações: a jornada, a história, a fábula, o estereótipo, o confronto polêmico. São essas as lentes através das quais o Oriente é experimentado, e elas moldam a linguagem, a percepção e a forma do encontro entre o Leste e o Oeste. (...) Deixamos de considerar

⁹ Significando, assim, “um *espetáculo excitante*, em vez de uma rotina enfadonha, o *perenemente misterioso* no lugar do familiar demais”. SAID, 1990, p. 193.

¹⁰ “Considere-se agora como o Oriente, particularmente o Oriente Próximo, ficou conhecido no Ocidente como um grande contrário complementar desde a Antigüidade. Houve a Bíblia e a ascensão do cristianismo, houve viajantes como Marco Polo, que mapearam as rotas comerciais e padronizaram um sistema regulado de intercâmbio comercial, e depois dele Lodovico di Varthema e Pietro della Valle; houve fabulistas como Mandeville, houve os temíveis movimentos conquistadores orientais, principalmente, é claro, o islã; houve os peregrinos militantes, especialmente os cruzados”. SAID, 1990, p.68.

as coisas como completamente insólitas ou completamente conhecidas; emerge uma nova categoria média, *uma categoria que nos permite ver novas coisas, coisas vistas pela primeira vez, como versões de algo conhecido anteriormente*.¹¹

O aparecimento do novo, a partir desse “modelo”, parece algo quase improvável.

Eça de Queiroz também descreverá a partir de determinados *topos*, imagens recorrentes e prévias do oriente. E, nesse sentido, sua narrativa poderá tornar-se previsível e “dominada”, facilmente apreendida pelo público europeu. Contudo, haverá momentos em que tais imagens se chocarão com outras, novas ou inesperadas.¹² Procuraremos, portanto, apontar situações de enquadramento e de originalidade na narrativa de Eça sobre as cidades orientais.

A cidade da imaginação

Se é verdade que a experiência de um viajante nunca tem lugar sobre uma tábula rasa, a viagem ao oriente possui referências muito claras, específicas, definidas.¹³

¹¹ SAID, 1990, p.68. Desta forma, o oriente torna-se, nos diz Said, “menos um lugar que um *topos*, um conjunto de referências, uma coleção de características, que parece ter a sua origem em uma citação, ou em um fragmento de um texto, ou em uma referência à obra de alguém sobre o Oriente, ou em um extrato de imaginação anterior, ou em um amálgama de tudo isso.”

¹² “(...) não precisamos procurar por uma correspondência entre a linguagem usada para descrever o Oriente e o próprio Oriente, não porque a linguagem seja imprecisa, mas porque ela não está nem sequer tentando ser precisa. O que ela está tentando fazer, é caracterizar o Oriente como estrangeiro e, ao mesmo tempo, incorporá-lo esquematicamente a um palco teatral cujas audiência, administrador e atores são para a Europa, e só para ela. Daí a vacilação entre o familiar e o estrangeiro.” SAID, 1990, p. 81.

¹³ “L’expérience de l’ailleurs n’a jamais lieu sur une table rase. Elle se réfère à d’autres textes existants, qu’elle reproduit, conteste, nuance”. REICHLER, 1995.

Trata-se sobretudo de um acúmulo de “informações” e preconceitos a respeito de um lugar que não parece existir no presente, mas só no passado. Este lugar feito de vestígios – o Oriente, o Egito – terá, em muitos momentos, qualidades mortas e eternas. E, nesse sentido, poderíamos dizer, sobre Eça no Egito, como diz Said sobre Flaubert, que “o oriente o impressionou com a sua decrepitude”. Esse caráter do que é *morto* e, como nota Said, sobretudo do que é *mudo*, faz com que, “como em qualquer outro orientalismo”, o de Flaubert seja *revitalizador*: “ele deve trazer o Oriente à vida”.¹⁴

Mas, por outro lado, existe também a busca, da parte de Flaubert e de Quinet, por exemplo, da “revigoração proporcionada pelo fabulosamente antigo e pelo exótico”.¹⁵ No caso de Eça, o Oriente sim é revitalizador, pois é o lugar da imaginação, onde ela pode existir. Pode existir, também, porque já existe previamente, na imaginação literária, histórica, geográfica.

*

Aparentemente, nada mais diverso do culto ao conhecimento literário do Oriente do que o início do texto de Eça de Queiroz sobre o Cairo: *Aqueles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades da Europa, não podem conceber...*¹⁶ Frase típica, lugar comum entre os viajantes dos trópicos, seu efeito (e/ou objetivo) é provocar a curiosidade, a inveja sã em um leitor cuja imaginação será redobrada, realimentada pelas informações sempre recorrentes mas em algo novas do discurso do viajante.

Em contraste com essa fascinação pela viagem, Said nos fala do desencanto, da decepção sofrida por aqueles que conheceram de fato o Oriente. Em relação a um universo e uma experiência sobretudo textuais, nenhum lugar parece existir suficientemente (ou

¹⁴ Flaubert vai ao Oriente em 1849-50.

¹⁵ SAID, 1990, p.188.

¹⁶ QUEIROZ, 1979, p.718.

existe já em excesso), havendo, a partir do *prazer da leitura*, um *desprazer da viagem*.¹⁷ Said cita, nesse sentido, um lamento sincero de Gérard de Nerval, autor de uma grande “Viagem ao Oriente”:

Já *perdi*, reino após reino, província após província, a metade mais bonita do universo, e logo *não saberei de nenhum lugar em que possa encontrar um refúgio para os meus sonhos*, mas *é no Egito que eu mais lamento ter afastado da minha imaginação, agora que o coloquei tristemente na memória*.¹⁸

A viagem concreta acarretaria aqui uma perda e não um ganho de experiência. Pois a memória e a imaginação são, aqui, antagônicas: a memória, arquivo da experiência real, seria o espaço da desilusão. Seria, portanto, muito menos palatável do que a memória imaginária. De forma que: “Qualquer experiência direta do Oriente mundano é um comentário irônico a valorizações a seu respeito”.¹⁹ A viagem, nesse sentido, traz a desmitificação, da qual é preferível fugir para a imaginação:

A memória do Oriente moderno disputa a imaginação, manda-nos de volta à imaginação como um lugar preferível, para a sensibilidade européia, ao Oriente real. Para alguém que nunca viu o Oriente, disse Nerval a Gautier, um lótus é sempre um lótus; para mim é apenas um tipo de cebola.²⁰

Não parece ser isso o que acontece a Eça, para quem, poderíamos dizer, a flor de lótus é ora a flor de lótus e ora uma cebola, ora a cidade é encantamento, ora miséria, atraso, sujeira, jogo de luzes na qual uma imagem se sobrepõe à outra.

¹⁷ SANTIAGO, 1998, p.5.

¹⁸ SAID, 1990, p.109.

¹⁹ Como as que se encontram em “Mahometsgesang”, de Goethe, ou em “Adieux de l’hôtesse arabe”, de Hugo. SAID, 1990, 110

²⁰ SAID, 1990, p. 110.

O que, para Eça, é sedutor no oriente é que este é o espaço da imaginação. Como se a imaginação se deslocasse da mente do autor para a concretude da cidade e desta voltasse para a mente do autor, como se a mediação da literatura fosse substituída pela mediação da própria cidade.

*

O impacto que o conhecimento concreto do oriente tem sobre Eça parece maior do que uma “revitalização”. Eça possui, nesse sentido, uma argumentação própria, pois ele experimenta um forte constrangimento da imaginação pela racionalidade ocidental:²¹ “(...) a imaginação, essa, sente-se apertada, dominada, constrangida, sem ter, na monotonia, na prisão da vida policiada, um espaço desafogado em que respire”.²²

De forma semelhante à do filósofo Gaston Bachelard, Eça atribui, inicialmente, a falta de imaginação à existência da cidade moderna em si, que se contrapõe ao campo: “A imaginação, na cidade, é *a perpétua repelida*”. Porque, prossegue o autor, “*A imaginação precisa da vida dos outros seres*: precisa pousar sobre as coisas externas e tirar-lhes, como a abelha tira o mel às flores, a quantidade de sonho que as coisas contêm”. Enquanto “a imaginação, no campo, na margem dum rio, entre uma floresta, toma um livre caminho”, torna-se viciada nas cidades:²³ “Apertada nas ruas duma cidade de casas estreitas e chatas, na violenta limitação imposta pela municipalidade, o que há-de fazer a imaginação,

²¹ A imaginação como em Bachelard, tem longa duração: “A imaginação que se não modifica, que se não civiliza, perpétua revoltada e perpétua nômade, a imaginação que depois de dominadas as violências da vontade pela polícia e pela grillheta, é ainda, só ela, bárbara, valente, espontânea, natural e livre (...)”. QUEIROZ, 1979, p. 718.

²² QUEIROZ, 1979, p. 719.

²³ Este trabalho procura não entrar no mérito dessas colocações; o que se pode dizer é que, mais ou menos nessa mesma época, Baudelaire transformava em arte esta mesma cidade ocidental.

de que há-de viver, como pode ter expansões legítimas?”. Sim, pois, se a imaginação não morre, no ocidente, sobrevive ou manifesta-se, segundo Eça, nos lugares errados. Ela continua a existir mas, de certa maneira, “doente”.²⁴ Na Europa, portanto, segundo Eça, a imaginação vive em um impasse, uma jaula, e é assim, de certo modo deformada. “Porém, para a imaginação do europeu”, prossegue Eça, “há ainda uma região livre, abundante e cheia, nas ruas duma cidade do Oriente: o Cairo. Constantinopla é quase européia e imita Viena de Áustria. Damasco é exclusivamente síria. Alepo lembra a Suíça. O Cairo, esse, é original, é sarraceno.”

Mesmo porque, se a imaginação precisa dos outros seres, como nos diz Eça, ela buscará a originalidade, a diferença, a ruptura, o oposto. Como se a imaginação surgisse de um distanciamento.

Quando Said nos fala das formas pelas quais os europeus se protegiam das “perturbadoras influências” orientais, destaca como exemplo a forma como a sexualidade era domada pela escrita. Havia outros tipos de ameaça além do sexo, mas sempre com algo em comum: “todas desgastavam a discrição e a racionalidade européias do tempo, espaço e identidade pessoal”.²⁵ A ênfase de Eça na faculdade e no espaço oriental da imaginação sugere que o autor compartilha do mesmo “sistema de conhecimento sobre o Oriente” – ainda que a imaginação não seja considerada ameaçadora mas, *até certo ponto*, positiva.

Procuraremos observar se ou até que ponto no texto de Eça de Queiroz sobre o Egito este “sistema de conhecimento” domina sua apreensão das cidades orientais que visita. Para tal, nos utilizare-

²⁴ “(...) arremessa-se então para a política e produz os revolucionários, as mudanças de Estado, a guilhotina; lança-se na vida moral e produz a orgia, as loretas, o luxo, as roletas; e quando se concentra sobre si mesma, quando se escava a si própria, acontece-lhe o que acontece a todas as funções que se isolam, que se impropriam; vê falso, sente falso, produz falso!”. QUEIROZ, 1979, p.719.

²⁵ SAID, 1990, p.175. Isto fica bem claro durante o banho turco.

mos de forma flexível da análise de Edward Said, que nos mostra como se constrói a imagem do Oriente:

em vez de listar todas as figuras de linguagem associadas ao Oriente – sua estranheza, sua diferença, sua sensualidade exótica e assim por diante –, podemos generalizar sobre elas do mesmo modo como nos foram transmitidas pela Renascença. Todas elas são *declarativas e auto-evidentes*; o tempo de verbo que elas usam é o *eterno intemporal*; passam uma *impressão de repetição e força*; são *sempre simétricas, e, contudo, diametralmente inferiores, a um equivalente europeu*, que algumas vezes é especificado, outras não (...).²⁶

Consideramos, contudo, que, embora vários topos estejam presentes no horizonte do escritor como no do leitor, é preciso mostrar como são utilizados, se possuem o mesmo sentido recorrente, ou se trazem algo novo para o conhecimento do lugar. E se, em algum sentido, por exemplo, poderíamos dizer que o oriente com seu imenso passado traria qualidades presentes e um desejo de futuro.

Um grego faz o café, um beduíno canta no meio da casa...

A multidão é oriental. A multidão informe, sem rosto, ou com rostos famintos e morenos espremendo-se pelas ruas nos lembra a Índia, o Irã, o Egito. Contudo, não é o excesso de gente que se destaca para nós no texto de Eça, mas o colorido da multidão, que não é uniforme.²⁷

A originalidade da cidade oriental, da cidade oriental de passagem, é construída²⁸ na convivência de várias culturas, na

²⁶ SAID, 1990, p.81.

²⁷ O oriente fornece, em termo, uma antevisão do mundo contemporâneo: o mundo teria se orientalizado.

²⁸ em sua aparência e em sua razão de ser.

multiplicidade cultural. Esta multiplicidade ou variedade do encontro é de certa forma desconhecida na Europa, pois sugere uma espécie de convivência étnica e também religiosa.

Todas as raças, todos os vestuários, todos os costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas. Em qualquer pequeno café do bairro copta ou do bairro muçulmano, vêem-se, sentados nas esteiras ou encruzados sobre as altas grades de pau de sicômoro, um árabe, um turco, um núbio, um homem da Samaria, um persa, um albanês, um búlgaro, um judeu, um índio, um abissínio, um armênio, um árabe do Magrebe... Um grego faz o café, um beduíno canta no meio da casa, um francês fotografa os grupos, um inglês observa, um americano toma notas...²⁹

O exótico “multicultural” passa também pelas próprias palavras e nomes utilizados: copta, núbio, Samaria, albanês, búlgaro. O leitor “conhece”, assim, um ambiente extremamente exótico, variado, desconhecido e distante, povoado de lugares e homens dos quais muitas vezes ele nem ouviu falar e que estão lá junto ao pau de sicômoro e outras *palavras de cor*.³⁰ Contudo, trata-se de um exotismo que permite uma diferenciação de conteúdo em relação à civilização européia, que quase nunca, ou muito raramente, soube

²⁹ QUEIROZ, 1979, p.724.

³⁰ A expressão encontra-se no prefácio às suas Notas: “Léon Daudet acusava Loti – outro pintor do Oriente – de julgar que se descrevem paisagens com “palavras de cor”, quando na realidade uma paisagem só deve ser “sugerida”. Esse dom de sugestão teve-o Eça de Queiroz como ninguém: as descrições d’*A Relíquia* são feitas de pequenas notas sóbrias, e tão justas, que imediatamente “sugerem” uma paisagem, uma atmosfera, o calor, a fadiga, o sol. Esse dom, creio eu, já se faz sentir nestas NOTAS. Percebe-se nelas, é certo, a exuberância da extrema mocidade, mas sob a sua riqueza talvez demasiada, sob a minuciosidade excessiva das descrições, a acumulação dos adjetivos, das comparações, das “palavras de cor”, nunca falta essa nota justa, esse detalhe imperceptível que vem dar a toda a composição a sua intensa realidade, e nos transporta, de bom ou de mau grado, “para dentro do Oriente”. QUEIROZ, 1979, p.679.

lidar com a diferença, que não possui aquela variedade de gente convivendo nos mesmos lugares. Na paisagem humana descrita em tons quentes cabem ainda cores mais neutras, cinzentas e sutis, com a presença do francês, do inglês e do americano, observadores “de fora” buscando captar aquela diferença de alguma forma. Assim, é possível que a diferença não seja encontrada apenas no puro exotismo mas na própria convivência, embora as etnias ali possuam ainda cada uma o seu canto, o seu bairro.

Assim, poderíamos dizer que, se de fato há um apelo do autor ao exotismo, esse exotismo possui um conteúdo novo.

Mas mesmo o elogio à imaginação da cidade oriental não se detém na fantasia, na apologia da necessidade do “inútil”.

A própria cidade possui, em alguns lugares, o feitio de uma casa – íntima, pública e privada. Não como a que Baudelaire descreve em “Os olhos dos pobres”, mas um tipo de configuração que o ocidente foi pouco a pouco mas também bruscamente perdendo: a existência de lugares heterogêneos, passíveis de territorialização, e que constituiria uma outra relação do habitante com sua cidade, com o que, de uma certa forma, o ideal urbano que surge com Haussmann marca uma ruptura. Esteticamente, esta cidade se caracterizaria por uma imprecisão, pelo imprevisto, pela confusão, pela interferência dos seus moradores:

Uma rua no Cairo é uma fenda esguia, tortuosa, e enlameada, apertada entre duas fileiras de casas, que adiantam os seus muxarabis como as árvores duma avenida adiantam e encostam as suas mãos de folhagem. Quando a rua é um pouco mais larga, põem-lhe, por causa do sol, toldos de lã, às riscas, ou velhas sedas abandonadas pelos vendedores do bairro.³¹

O que é público prossegue, de certa forma, no privado: “As casas que apertam aquela fenda tortuosa, que é a rua, têm uma *irregularidade*, um *imprevisto*, um *desdém de toda correção*, uma

³¹ QUEIROZ, 1979, p.720.

fantasia que encanta como um quadro e surpreende como uma pequena jóia cheia de imaginação.”³²

Em certo sentido, é como se a cidade fosse criada pelas pessoas, tivesse a medida humana, estivesse sob o controle de quem a habita. Portanto, a imaginação seria também inerente à cidade, e não somente ao europeu na cidade.

Ainda quando “a caminho do oriente”, na espanhola Cádiz, Eça revela sua insatisfação com a racionalidade do urbanismo ocidental, e permite-se apontar a falta da graça, fantasia, pitoresco da arquitetura árabe: “Cádiz aproveitou, para as suas construções modernas, tudo quanto a antiga arquitetura mourisca ou árabe é uma necessidade higiênica e climatérica... Mas tudo quanto é graça, fantasia, pitoresco, arte, beleza, na arquitetura árabe...tudo isso foi esquecido”.³³

De forma que Cádiz, *nova, branca, retilínea e geométrica*, “parece construída por um Haussmann oriental”.³⁴

Para além da crítica à adoção, na cidade, apenas do que se considera como estritamente útil, ou necessário, seja em termos higiênicos como climáticos, Eça acredita que essa modernização da cidade traz consigo uma perda de identidade, no sentido de uma verdadeira degeneração dos seus habitantes originais: “a raça parece ter degenerado da antiga beleza vigorosa e viva da gente andaluza”, pois “As raças só conservam a pureza do tipo no seu elemento natural”.³⁵

A falta de originalidade, ou verdadeira identidade, será uma preocupação fundamental de Eça, em sua descrição das cidades orientais, no embate entre o ocidental, o oriental e aquilo que não parece ser nem uma coisa nem outra. Alexandria será o seu principal palco.

³² QUEIROZ, 1979, p.720.

³³ QUEIROZ, 1979, p.692.

³⁴ QUEIROZ, 1979, p.692.

³⁵ Não parece tratar-se apenas de determinismo geográfico.

Alexandria: oriente sem véu

Antes do Cairo, Alexandria. É esta cidade que dá a Eça a primeira imagem concreta do Egito: “De manhã avistamos uma terra baixa, negra, ao nível do mar. Era o Egito.” Nada é puramente belo nesta sua primeira descrição: “(...) barcas árabes, tripuladas por *figuras negras, ágeis, luzidias*, de turbantes coloridos *sobre caras esfomeadas e rostos estreitos* (...)”³⁶

Há quase uma rejeição à primeira vista. A língua é bárbara, como para viajantes anteriores: “Aqueles homens falavam uma língua *gutural, áspera, arrastada*, de que se não podia sequer compreender a intenção das frases”.³⁷ A língua possui todas as más qualidades, e sua incapacidade de comunicar *sequer a intenção das frases* aproxima-a daquela falada pelos índios e bárbaros.³⁸

Pode-se perguntar, contudo, se há, da parte de Eça, um verdadeiro desencanto com Alexandria. Pois, ao que tudo indica, Eça foi leitor não somente das *Mil e uma Noites* mas também da literatura orientalista, científica ou não.

O que Eça busca em Alexandria? O que ele espera? Ciente ou não do que o aguardava, em Alexandria Eça parecia buscar, mais do que a cidade da imaginação, a cidade da memória, ou o que resta dela, o que ele não encontra: “(...) Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu? Onde estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil circos, e os teus quatro mil jardins? (...)”³⁹

³⁶ QUEIROZ, 1979, p.692.

³⁷ QUEIROZ, 1979, p.693.

³⁸ Lembremos do que diz Colombo a respeito dos índios: “devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar”. COLOMBO, 1984, p.45.

³⁹ QUEIROZ, 1979, p.693.

Eça bem sabia que não iria (re)encontrar tal grandeza – imensa e perdida no tempo. Ele sabe que Alexandria está perdida: “Onde estão os teus dez mil mercadores, e os doze mil judeus que pagavam tributo ao santo califa Omar? Onde estão as tuas bibliotecas, e os teus palácios egípcios, e o jardim maravilhoso de Ceres (...)?”⁴⁰ Tudo isso já é, para Eça, passado e literatura – o arquivo do qual nos fala Said, no qual se misturam épocas e personagens.⁴¹ Uma mistura dos tempos que também parece típica do *topos* sobre o oriente: *o eterno intemporal*, resultante da indefinição dos tempos. A questão é que não há vestígio, mas apenas decadência e lama.

A quantidade e o exagero reafirmam a indefinição e o caráter lendário das informações, que há muito já se sabia incapazes de possuir vida real. Há, portanto, um reforço no contraste entre o lido e ouvido com a realidade experimentada *in loco*: “Estavas diante de mim: e eu via construções vastas, desmornadas e negras, *feitas do lodo do Nilo*, um *lugar* enlameado e imundo cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas!”⁴² Este lugar imundo é bem concreto, o oposto da grandeza, não necessariamente esperada, mas conhecida e cultivada como mito.

Eça já conhecia também, via literatura e outras fontes, a miséria oriental. E a miséria também pode fazer parte de um *topos*, já que este não consiste necessariamente em “pura mentira”. O que parece ocorrer é a transformação momentânea dessa parte verdadeira em um todo, ou seja, no Oriente, o que, sem as outras “partes”, pode trazer um sentido equívoco.⁴³ Pois trata-se de um todo para o qual tudo, absolutamente tudo, corrobora. Sobretudo quando colocado em conjunto com outras “características” orientais, como a indolên-

⁴⁰ QUEIROZ, 1979, p.693.

⁴¹ Ver nota n. 11.

⁴² QUEIROZ, 1979, p.693.

⁴³ O que faz com que o Brasil seja, na imaginação de um estrangeiro, uma imensa floresta amazônica.

cia. A miséria, o conformismo, o atraso e a indolência confundem-se, também, com o clima, sedutor em outro trecho:⁴⁴

O sol caía, mordente. Um velho, com uma cara devastada e ignóbil, pedia, sombrio, o “ébolo do dervixe”, estirado numa atitude impassível contra a parede do edifício. Em redor de nós e das nossas bagagens, havia um rondar ávido, sôfrego, um clamor miserável, pernas, vergastadas, e um cheiro fastigioso...

Assim tu nos apareceste, ó negro Egito, romântica terra dos califas!⁴⁵

A ironia presente no fim deste trecho nos mostra que há uma tentativa de desmitificação, da parte de Eça, em relação à geografia imaginativa (romântica...), à literatura, à boa parte de um universo textual, pois, para o autor, o que ele vê de miserável não seria algo novo, resultante de alguma mudança histórica, ou seja, a idéia de que houve riqueza e agora há pobreza, mas de uma desmitificação da história oriental, como será mostrado na análise que Eça fará da situação de eterna, embora historicamente variável, exploração do felá egípcio.

Ao circular de caleche pelo bairro árabe, as ruas da cidade só reafirmarão a “primeira” impressão de pobreza, sujeira, decadência:

É uma rede de ruas *estreitas, infectas*, obstruídas de lama, de *construções irregulares, desmoronadas, caducas*, feitas de todos os materiais, desde o mármore até o barro, com todos os aspectos, um *imprevisto extremo de linbas* e de arquiteturas, e cheias de uma *multidão ruidosa de turbantes*, de tarbuxes, de gorros gregos, de barretes albaneses, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas túnicas brancas, de burros carregados, trotando miudamente. E aquilo é confuso, pitoresco, estranho e miserável.⁴⁶

⁴⁴ “Um céu imóvel, infinito, profundo, deixava cair uma luz magnífica”. QUEIROZ, 1979, p. 693.

⁴⁵ QUEIROZ, 1979, p. 693.

⁴⁶ QUEIROZ, 1979, p.694.

Embora estas ruas sejam antes de tudo estreitas, infectas, obstruídas de lama, poder-se-ia dizer que a descrição das ruas de Alexandria se parece, em vários sentidos, com a descrição das ruas do Cairo. Embora seja esta uma descrição só do bairro “árabe”, o *multiculturalismo* visível naquela cidade – os gorros gregos, barretes albaneses – também parece estar presente em Alexandria.

Ali também é possível encontrar-se o oriente típico, a originalidade oriental. À chegada na Praça dos Cônsules, “*sente-se já ali o Oriente*”: “o sol pesado e morno, fileiras de camelos, cambiadores de moedas às esquinas (...)”. Mas, de resto, nos diz Eça, o aspecto da Praça é trivial:

as casas são massas de cantaria, monótonas e cerradas; Sobre o asfalto abrem-se as portas dos cafés e dos bilhares. Esquecido sobre uma mesa, vemos um número do Figaro. Nas esquinas há cartazes das Bouffes-Parisiennes. Algumas gougandines, com a cabeça enfeitada, arrastam pela lama grandes saias de seda.⁴⁷

O que faz com que Eça *sinta* o Oriente? O sol, os camelos, os cambiadores... Este oriente “básico”, típico é contudo pouco representativo em Alexandria. Trata-se de um Oriente descaracterizado, corrompido, ocidentalizado, decadente, que talvez correspondesse menos aos vários topos literários sobre o oriente: não se trata de um espaço nem de uma temporalidade “puramente” orientais. Alexandria foi invadida pelo espaço e tempo ocidentais. Assim, talvez Eça pudesse ou quisesse dizer também: bastarda, a denominação que Flaubert dera à cidade quase vinte anos antes: “Alexandrie, grande ville, avec la place de Consuls, bâtarde, mi-arabe, mi-européenne.”

Assim como o Cairo, Alexandria é uma cidade de passagem, mas, diferentemente do Cairo, é uma cidade “baixamente mercantil”. Não apenas Alexandria é descaracterizada, europeizada, colonizada, como o é da pior forma. As colônias que a habitam, gregos, italianos,

⁴⁷ QUEIROZ, 1979, p.694.

marselheses, estão ali *de passagem*: oprimem, sugam, engordam (...).⁴⁸ De forma que temos aqui uma espécie de oposto à cidade “multicultural” encontrada no Cairo:

O movimento é todo comercial, rápido, precipitado...O interesse, aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspecto de brutalidade e de avidez àquela população.; aqui o Grego perde o seu perfil correto, agradável e penetrante, o Marselhês já não tem a sua fisionomia quente, expressiva, sutil, aventureira, nem o italiano os seus traços voluptuosos e cheios. Têm todos feições combativas e aguçadas de exploradores ávidos.⁴⁹

Em suma, há uma homogeneização das etnias, que ocorre através colonialismo selvagem. Ao contrário do que acontece na narrativa de Eça sobre o Cairo, na narrativa sobre Alexandria, Eça procura mostrar que o indivíduo de cada etnia perde sua característica singular, sua originalidade quando inserido naquele espaço: todos adquirem “feições combativas e aguçadas de exploradores ávidos”. A imagem de convivência, diversidade, cooperação, até mesmo de comunidade é substituída pela de competição.

Mesmo as ruas também perdem o caráter original, inesperado:

Percorremos algumas ruas. *Sempre o mesmo aspecto*: um largo espaço de lama, bordado de altas massas de alvenaria pintadas de cor-de-rosa ou amarelo, quadradas, simétricas, silenciosas, recortando-se num azul sublime!

Positivamente, Alexandria começava a enfastiar-nos.⁵⁰

Onde, portanto, encontrar ou reencontrar o oriente (ou fugir deste)? A originalidade, o espaço e o tempo que não tenham sido corrompidos pelo ocidente, ou pelo ato de copiar o ocidente?

⁴⁸ QUEIROZ, 1979, p.694.

⁴⁹ QUEIROZ, 1979, p.695.

⁵⁰ QUEIROZ, 1979, p.695.

Exatamente “onde se passeia”, ou seja: no Mamudié, o canal que traz a Alexandria a água do Nilo:⁵¹

Passam-se as ruas triviais e silenciosas, e começa-se a penetrar numa paisagem duma inesperada originalidade. Caminha-se a passo, numa grande avenida de sicômoros de folhas delgadas. Ao lado, alguma construção abandonada, depois, colinas de areia: é o começo do deserto líbico.⁵²

A mistura e convivência entre a natureza e símbolos da modernidade como a avenida seduzem o autor e introduzem uma repentina entrada no bosque. Os detalhes desta passagem fazem com que a chegada ao Mamudié se assemelhe à narrativa de um evento: “Há um grande silêncio. Chega-se ao Mamudié. Maravilhoso aspecto: a luz desmaiada já escureceu um pouco; o céu, para o poente, tem grandes nódoas ensangüentadas, esbatidas sobre um fundo de opala. Uma avenida larga corre junto ao canal (...)”⁵³

Neste lugar onde “a água tem uma imobilidade vagamente luminosa”, vê-se, com a natureza, mulheres felás descendo, “com a bilha aos ombros, até ao canal”; ali “Às vezes um barco desce, com as velas abertas como as duas asas duma cegonha. Há um silêncio, uma serenidade tropical, abafada, aromatizada...”⁵⁴

A descoberta da natureza, da serenidade, do silêncio tropical do (no) Mamudié fornece o puro contraste com a cidade e sua temporalidade: “Volta-se. Os cafés estão ruidosos, os casinos alumiados. Alguns felás, deitados no asfalto, enrodilhados nos seus mantos, dormem sob a névoa, à luz das estrelas. Nas ruas escuras, de longe em longe, passa um árabe com uma lanterna...”⁵⁵ Eça volta do Mamudié como quem desvendasse um segredo e como quem

⁵¹ QUEIROZ, 1979, p.695.

⁵² QUEIROZ, 1979, p.695.

⁵³ QUEIROZ, 1979, p.696.

⁵⁴ QUEIROZ, 1979, p.696.

⁵⁵ No texto de Flaubert há uma referência semelhante.

desperta de um sonho. Com a imagem imprevista de um verdadeiro Oriente.

Mas o Mamudié não é tão imprevisto assim, isto é, ele bem pode fazer parte de uma visão de conjunto do oriente, para além de ser o lugar onde se passeia.

Flaubert, em seu relato sobre a viagem ao Egito, procura, ao contrário de Eça, retirar do seu relato qualquer avaliação claramente subjetiva. Para tal, se é este mesmo seu objetivo, ele se aproxima do “puro” “registro”, muitas vezes sutilmente irônico, é verdade.

Dimanche matin 25, départ sur un bateau remorqué par un petit vapeur qui ne contient que la machine. Rives plates et mortes de la Mamuddieh; sur le bord quelques Arabes nus, qui courent; de temps à autre, un voyageur à cheval qui pase, enveloppé de blanc et trotinant sur sa selle turque.⁵⁶

Pelas *margens calmas e mortas* do Mamudié não apenas alguns árabes nus correm, mas também, de tempo em tempo, passa um viajante a cavalo... É como se ali estivesse Eça, quase vinte anos antes, como personagem, visto de fora, como parte da paisagem. Desta perspectiva, a paisagem não possui encanto, ou pelo menos o mesmo encanto. Pois Eça, vindo de dentro da “paisagem”, situaria o Mamudié um pouco “fora” do Egito, ou ao menos de Alexandria, enquanto Flaubert o situa como mais um ingrediente, praticamente banal, da paisagem egípcia.

Cidades orientais: plural, singular

Assim como o Mamudié, a cidade do Cairo pode ser vista sob perspectivas diferentes. E, com ela, o próprio Egito e o oriente. De modo que um único *topos* se revela insuficiente para apreender o lugar – ou os lugares.

⁵⁶ FLAUBERT, 1948, p. 33.

Ver a cidade de cima pode fazer com que se ignore ou se abstraia seu cotidiano e suas ruínas, mas pode, também, fazer surgir a complexidade e variedade dos espaços. Torná-los representantes de diferentes temporalidades orientais. Ver o espaço como tempo.

É o que ocorre quando Eça vai à cidadela do Cairo, de onde pode-se ver a cidade do Cairo, plana, como um panorama. Os contrastes da cidade já aparecem ainda a caminho da Cidadela, quando se sobe por uma ladeira macadamizada e larga.⁵⁷ Os contrastes são dados pelas construções mais modernas junto a vestígios históricos e bíblicos. No entender de Eça,

a arte no Egito não existe modernamente. Constrói-se com grande ruído no Esbekiêh, em Chubrah, em Bulack, mas são edifícios retangulares, brancos, picados de pequenas janelas quadradas com frisos verdes. Da arte árabe, apresentam apenas a pouca solidez dos materiais. Mas a graça, a invenção, o imprevisto, o ideal, a maravilhosa delicadeza da velha arquitetura sarracena, é hoje desconhecida.⁵⁸

Reencontramos aqui o mesmo argumento que Eça constrói a respeito de Cádiz: “(...) É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo.” Uma perda de identidade. Contudo, do alto da cidadela, o Cairo é outro:

O Cairo, visto da cidadela, é o Cairo histórico, dramático, sombrio. É a imensa cidade escura, pobre e arruinada, caindo em pedaços. A vista mergulha naquela temerosa espessura e só encontra paredes que se desmoronam, largas alastrações de ruínas, aparências de miséria, recantos dolorosamente escuros. É toda a existência da cidade oriental condenada pelo povo que a habita: os escombros, a penúria, a desolação material, a decadência, a imundície pitoresca e altiva.⁵⁹

⁵⁷ QUEIROZ, 1979, p.730.

⁵⁸ QUEIROZ, 1979, p.731.

⁵⁹ QUEIROZ, 1979, p.734.

Ali, nos diz Eça, “a história sangra”, “o Cairo morre”, ali sente-se a existência do acaso.⁶⁰ Mas basta que o autor mude seu ponto de vista espacial para que toda uma cidade se altere:

O Cairo, visto da mesquita de Tulune, é, pelo contrário, a cidade-jóia, a cidade poética das Mil e Uma Noites. Plana, imensa, sem grandes horizontes (...) (...) Do alto do minarete, a cidade mostra-se em toda a sua beleza oriental. Todos os tons brandos se confundem: as casas resplandecem à luz, aparecem ramos de palmeiras, e a multidão infinita dos minaretes ergue-se até ao horizonte.⁶¹

Sente-se ali, nos diz Eça dessa vez, “o mistério, a doce vida indolente, a facilidade da existência, a contemplação natural das coisas delicadas. Sonhar, passear nos frescos bazares, palpar os tecidos leves (...) ouvir histórias, fazer ressumar o narguilé – a isto se deve resumir a vida naquela poética cidade”.⁶²

A cidade oriental não é, portanto, una. Ela abriga, ou “é” a cidade-jóia, mas também uma cidade-ruína.

Ela é também uma cidade moderna, ou que procura sê-lo, o que talvez fosse, *à época de Eça*, o mais difícil, ou raro, de se conceber. Esta modernidade também está incarnada em um lugar determinado da cidade. “Quem quiser conhecer bem a fisionomia do Egito contemporâneo”, nos diz Eça, “do Egito de Ismael-Paxá, deve ir passear, ao findar do dia, na longa Avenida de Chubrâh”.⁶³ Neste passeio que faz de caleche,⁶⁴ Eça ligará ou delimitará a presença do moderno à classe dominante egípcia. No correr da caleche sobre a avenida, entre um laivo e outro de originalidade ou nacionalidade, ele acompanha a exibição, em caleches, dos representantes dessa moderna classe dominante:

⁶⁰ QUEIROZ, 1979, p.734.

⁶¹ QUEIROZ, 1979, p.734.

⁶² QUEIROZ, 1979, p.735.

⁶³ QUEIROZ, 1979, p.788.

⁶⁴ O meio pelo qual ele viaja é importante: o caleche é mais confortável do que o burro.

“No fundo doutro cupé avistamos um homem baixo, corado, de pequeno bigode branco: é Nubar-Paxá, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o Haussmann do Cairo, o reformador dos costumes, o importador das loretas, dos cafés-cantantes e dos publicistas! (...)”

A avenida, símbolo maior dessa modernidade, é palco, contudo, de amostras do velho oriente. Sintomaticamente, através da avenida, mostra-se que o tipo de modernização ou ocidentalização que se deseja ainda está longe de completar-se. A Avenida corre junto ao Nilo e, a partir do momento em que se passa do palácio de Chubrâh, a avenida passa a fazer parte da temporalidade do Egito eterno do Nilo: “Aqui, a Avenida não está nivelada: a carruagem balouça como um navio. O Sol começa a descer. A paisagem é maravilhosa: o rio estende-se numa grande largura, luminoso, azul, duma suave transparência.”⁶⁵ Após ter seu idílio repentinamente interrompido pelo que parece ser um estridente laivo de típica histeria oriental,⁶⁶ um estranhamento dos costumes, do que é considerado importante para aquela cultura e grupo social, Eça reencontra a paisagem algo artificial do palácio do Esbekiêh: “As janelas do palácio estão acesas, os cafés-cantantes afinam as rabecas, as orquestras começam a roncar...”⁶⁷

A imagem do tédio dessa paisagem semi-importada é bem o oposto da busca de Eça: o exótico repleto de originalidade, de verdade, de que são ingredientes, no oriente, a pobreza, a sonho, o cotidiano, a fantasia.

⁶⁵ QUEIROZ, 1979, p.791.

⁶⁶ “De repente, à beira do Nilo, gritos agudos... (...)A criança está salva, mas as mulheres continuam correndo, gritando, num tumulto, com os braços erguidos como numa imprecação!...” QUEIROZ, 1979, p.792.

⁶⁷ QUEIROZ, 1979, p.792.

A cidade ao rés-do-chão: cotidiano, sujeira e sonho

Os bazares também são orientais. Sobretudo árabes. E, como tal, um lazer típico, pitoresco, turístico. Em uma palavra, exóticos: "Nada tão pitoresco, tão imprevisto, tão original, tão fora dos nossos hábitos e da nossa arquitetura, como aquele lugar",⁶⁸ nos diz Eça referindo-se ao bazar copta, o armazém dos armazéns.

Antes de tudo, as casas, pois o bazar encontra-se numa praça cercada de habitações:

"Não se pode dizer com segurança que sejam casas: são construções irregulares e desmornadas como ruínas. Os telhados têm todas as formas: agudos como telhados chineses, ou de forma gótica, ou em terraços, ou em cúpulas (...) As fachadas são tão rendilhadas, tão buriladas, tão cheias de galerias, de ornatos de arabescos, que parece que de cima a baixo se estende uma cortina de renda suja, escura, deslavada, rasgada aos pedaços".

Não se percebe, conclui Eça, "como se pode ali habitar, tanto aquilo é leve, delicado e fantasista: parece a arquitetura de um conto de fadas".

Confusão, o mistério e falta de claridade : é o que se oferece à primeira vista no bazar que mais surpreende no Cairo:

O primeiro aspecto é de uma perspectiva confusa: não se sabe o que se vende. Parece uma fantasia donde nenhuma coisa útil para o nosso interesse se possa extrair. Tudo tem uma aparência de pedaços, de destroços, de coisas partidas, amarrotadas ou vistas num caleidoscópio.⁶⁹

Mas, em seguida, consegue-se ver a beleza e a arte de se vender aquelas mercadorias. Contudo, o seu olhar vacila entre a repulsa – pela sujeira⁷⁰ – e o desejo cego em obter mercadorias – experiências –

⁶⁸ QUEIROZ, 1979, p.777.

⁶⁹ QUEIROZ, 1979, p.779.

⁷⁰ "(...) Tudo aquilo é imundo! O mercador, sentado, fumando o seu cachimbo, mete as mãos nas massas, tira o que é em pó com a mão côncava, o que é viscoso com dois dedos, e o que é em grão, nas duas mãos unidas. As moscas voam ali perpetuamente, manchando tudo; os cães rondam, farejando. Uma lama mole abafa o ruído dos passos, e uma população pobre, infecta, esfarrapada e ruidosa move-se por entre aquelas coisas sem nome. QUEIROZ, 1979, p.182.

exóticas como o haxixe. Sua ansiedade neste último episódio mostra que nunca há suficientemente, da parte do viajante, um olhar verdadeiramente atento em relação à outra cultura, é uma visão “utilitária” do exótico.

*

A busca do exótico tem seu ponto culminante no banho turco. Até então, o autor teria tido só a experiência mais contemplativa, ainda que apaixonada, das ruas.

Há, em relação aos banhos, antes de tudo, uma certa desmitificação prévia. Seriam folclóricos ou exóticos até mesmo no próprio Egito: são para os pobres, pois os ricos os freqüentam por extravagância, unicamente por divertimento, nos diz Eça. Assim é, ou era, na verdade boa parte do que se considera a cultura original do país, e em outros momentos do seu texto Eça mostrará como a classe dominante egípcia se afasta da originalidade oriental ou nacional, que permanece como cultura popular.

Assim é que, inicialmente, os banhos, como os bazares, são (algo) sujos e pobres. Contudo, durante o banho essa imagem suja e pobre, que é a do Oriente, se transformará em parte. O sentimento de uma certa repugnância irá desaparecendo na medida em que a sensualidade – oriental, nos diria Said – e outros sentimentos e impressões forem surgindo: “Tiram-nos agilmente os casacos: os árabes impassíveis, indolentes, cheios de quietação, deixam-se despirm pelos núbios que dão o banho”.⁷¹

A obrigatória passividade do ritual contrasta com a caracterização dos movimentos daqueles que lhes dão o banho, os núbios, que, ao lhes calçarem as babuchas de pau, abaixaram-se *com um servilismo doce*, “e tomando-nos pelo braço, rindo, com *os dentes a luzir como presas de feras*, com aquelas *maneiras envolventes e emolientes do Oriente*”.⁷² O contraste entre os modos servis e o sorriso e os dentes

⁷¹ A resistência inicial de Eça, não deixa de ser ironizada por ele próprio.

⁷² QUEIROZ, 1979, p.784.

que luzem como presas de feras, aponta para uma ambigüidade na visão do oriental.⁷³ Não importa. As maneiras dos núbios, contudo, são envolventes e emolientes, orientais. E confir-mam a idéia do Oriente de um oriente mais passivo...

O banho em si provoca sensações já experimentadas no Oriente e que são “características” do oriental, ou do *estado* oriental: “parece que aquele meio quente, amolecedor, dissolvente, liquificante, *derrete a iniciativa e a individualidade*, e que a nossa vontade, o nosso eu, o nosso ser, se desfazem no vapor espesso e aromático.”⁷⁴

Esta falta de iniciativa, esta passividade, inércia é recorrente no oriente de Eça. E não se trata apenas do Egito, pois, quando ainda em Gibraltar, em situação completamente diversa, Eça atinge um estado de pura contemplação:⁷⁵

a vida, o ruído, os soldados, os uniformes vermelhos, as trombetas, os véus das mouras – nada ali chega: uma muralha de árvores, de relvas, de plantas, isola aquele lugar de contemplação. Só se vê o mar, o céu azul, as montanhas, tudo quanto é sereno e inefável... *Senta-se a gente, e olha, e contempla: não tem idéias, nem observações, nem crítica – mas apenas uma vida inerte, tão divinamente passiva como a vida das coisas.*⁷⁶

Já em Alexandria, em um bar árabe, tomando o café turco e fumando o narguilé persa, por motivos menos naturais Eça chega a uma sensação não muito diferente:⁷⁷

⁷³ Talvez Eça experimentasse um estranhamento semelhante ao de Flaubert, que assim sintetiza uma experiência semelhante: “Premier bain turc, impression funèbre: il semble qu'on va vous embaumer. FLAUBERT, 1948, p.35.

⁷⁴ QUEIROZ, 1979, p.785.

⁷⁵ É *como se* ele já estivesse ou buscasse esse estado.

⁷⁶ “(...) ali, se o homem pensasse em construir, só lhe lembraria a linha pura, a reta suavíssima ou a lenta curva toda aberta ao dia e á luz.” QUEIROZ, 1979, p.687.

⁷⁷ QUEIROZ, 1979, p. 697.

Lentamente, o fumo vai adormecendo o espírito no calor tépido e dissolvente. As qualidades fortes, a energia, a vontade, dissipam-se esvaem-se numa sonolência doce. Cai-se naquele estado que os Árabes chamam o “Kiéf”. É uma espécie de desmaio vivo: a vida torna-se toda passiva, quase vegetal. Do narguilé, eleva-se um fumo azulado e doce. *Pensa-se por imagens, por formas (...)*.⁷⁸

O fumo e a natureza oriental possuem “efeitos” semelhantes em Eça e em sua narrativa.⁷⁹ É como no oriente, ou no Egito, uma situação traduzisse e complementasse a outra; como se de fato, como diz Flaubert, as peças se encaixassem por si mesmas.⁸⁰ O todo oriental, um todo bem determinado, portanto, existindo antes das partes que não possuem muito direito à diversidade.

Esse todo produz e vive sob o efeito da passividade, da lentidão: “Todo o mundo oriental se move em sonolência”.⁸¹ E tudo, inclusive a natureza, colabora para essa constatação de Eça: “este céu sempre azul não tem inquietações”, “A palmeira é uma árvore contemplativa e quieta”, “O Nilo é vagaroso e lento”.⁸²

Voltando ao banho, Eça nos diz: “a languidez é extrema: a nossa civilização, as suas dificuldades, as suas lutas, as suas angústias – como tudo isso está longe! Ali *vive apenas a forma*. Deitado sobre o banco de pedra (...) eu sentia-me num estado *passivo, inerte* e imaterial, dum encanto infinito.”⁸³

Esta aproximação de Eça do estado oriental, do outro oriental, ou do que ele pensa ser este estado e este outro oriental, torna-o capaz, inclusive, de compreender ou pensar compreender a língua do outro, cujas frases ele percebe “serem cheias de bons conselhos”, um contraste relevante em relação ao início de sua viagem e, por

⁷⁸ QUEIROZ, 1979, p. 697.

⁷⁹ E é de perguntar se não poderiam possuir um efeito semelhante no ocidente.

⁸⁰ SAID, 1990, p.196.

⁸¹ Quando trata da situação da mulher no Egito.

⁸² QUEIROZ, 1979, p.746.

⁸³ QUEIROZ, 1979, p.785.

outro lado, de espantar-se com a “vivacidade toda ocidental” com que os núbios os empurraram para fora do tanque.⁸⁴

Mas a aproximação ou identificação – imaginária – mais intensa do autor com o Oriente ocorre após a operação da massa-gem, que faz com que ele experimente “um repouso extremo, uma pacificação infinita do corpo, uma um abandono tão perdido, tão esquecido, que nos sentimos completamente desmoralizados”. A escrita de Eça é arrebatadora:

Confesso que ali, naquela atitude, *sob a pressão magnética do árabe, sentindo já ressumar a água no narguilé, julguei naturais, racionais, legítimos, todos os vícios e todos os crimes!* Pensei em ser califa, dormir em divãs de cetim, envolvido no aroma dos aloés e no perfume das rosas!... Comería coisas delicadas e picantes, mandaria abrir o ventre aos meus escravos para ver atitudes de entranhas, degolaria escravas abissínias para sentir o calor do sangue das mulheres ardentes do Nilo, ornaria de pérolas os meus cães, esquecería o meu povo, e mandaria precipitar no Nilo todos os corpos que não fossem divinamente belos!⁸⁵

A identidade, sua fantasia ou a compreensão perigosa de Eça com relação ao poderoso oriental dá-se, contudo (ou por isso mesmo...) no sentido da perversão... O que é um claro traço orientalista.

Mil e Uma Noites feéricas

Isto é horrorosamente belo!

“As últimas noites que passamos no Cairo foram coloridas pelo mais belo espetáculo que um pobre ocidental civilizado, mesquinho e prosaico, possa conceber”.⁸⁶ Eça dá início ao seu relato sobre a festa árabe, a noite de iluminações, de forma semelhante à que inicia

⁸⁴ QUEIROZ, 1979, p.786.

⁸⁵ QUEIROZ, 1979, p.787.

⁸⁶ QUEIROZ, 1979, p.809.

seu relato sobre o Cairo: confrontando as cores do oriente, desta vez noturnas, com os horizontes mesquinhos e prosaicos do pobre ocidental civilizado. A idéia não é de grandeza mas de magia, *espetáculo* quase inconcebível para o ocidental. A oposição é completa e caminha no sentido de uma visão totalizante e essencialista do oriente e do ocidente, para além de serem as essências positivas ou negativas. E, nesse sentido, é possível remetermos a Flaubert: ele não está interessado, nos diz Said,

“apenas no conteúdo daquilo que vê, mas, como Renan, em como ele vê, a maneira pela qual o Oriente, algumas vezes de maneira horrível, mas sempre atraente, parece apresentar-se a ele.”⁸⁷

A cidade oriental está toda ali: nas ruas cheias da multidão árabe, nos turbantes variados dos homens, na “iluminação maravilhosa” que remete ao tempo dos Califas e suas “lendas maravilhosas”. Contudo, apreender e traduzir esta realidade maravilhosa situa Eça na devida distância de seu objeto encantado:

Seria necessário que esta dura pena de ferro com que firo o papel, fosse talhada numa jóia árabe, molhada naquelas pálidas luzes das iluminações, e conduzida sobre a brancura da página pela mão delicada dum poeta persa, para fazer sentir, dum modo real e incisivo, toda a beleza daquele lugar luminoso.⁸⁸

Esta intradutibilidade fica mais definida quando ele nos fala daquele “doce canto, irritante e penetrante, e que ficará como uma eterna memória no meu cérebro, sem que nunca encontre as palavras que o possam definir”.⁸⁹ Mais de quatrocentos anos antes, Jean de Léry escrevia algo muito semelhante em relação ao canto tupi: “(...) fiquei inteiramente encantado; mas também todas as outras vezes que me lembro disto, o coração sobressaltado, me parece que ainda os tenho

⁸⁷ SAID, 1990? 1979, p.193.

⁸⁸ QUEIROZ, 1979, p.810.

⁸⁹ QUEIROZ, 1979, p.809.

nos ouvidos”.⁹⁰ Para Michel de Certeau, o fato de Léry fazer apelo a uma tradução para buscar compreender, dominar o conteúdo do canto, transforma a música em “produto utilizável”, conseguindo desta forma enquadrar na escrita ocidental o “instante em que, ‘inteiramente encantado’, tomado pela voz do outro, o observador se esqueceu de si mesmo.”⁹¹ Eça, contudo, não procura ou não pode fazê-lo, e o momento permanece encantado. É um encanto que ele não procura traduzir, reduzir ao discurso europeu sobre o oriente.

Apesar disso, não há dúvida de que, para Eça, em parte, o encanto repousa em uma ilusão ou, ainda, na luz com que vemos o oriente, a cidade oriental: “Tudo o que aquelas construções têm de velho, de arruinado, de tosco, de incoerente, desaparece, docemente esbatido na luz”. Uma luz que vem de fora, diríamos, e outra, que vem dele mesmo. “(...) Como descrever, como dizer aquelas noites feéricas, em que tudo perde a sua forma real, em que as luzes e as sombras tornam bela a superfície miserável das coisas.”⁹²

Em mais de um momento do texto de Eça, a luz, a iluminação é que torna possível ver a beleza e a magia, o encanto do oriente. A luz é sua perspectiva: “O que havia de caduco, de velho e de tenebroso naqueles Bazares, perdeu-se, esbatido na ampla luz dourada, doce e tênue, e na maravilhosa superfície das sedas, dos damascos, dos veludos, das gazes bordadas, dos tapetes e das constelações de jóias.”

O fim da festa e da noite anunciam o fim indesejado de sua viagem e da sua narrativa. Novamente, após uma ruptura com as categorias ocidentais do tempo e do espaço, volta-se ao real:

Quando passamos nas ruas, as iluminações apagavam-se. Os grupos dispersavam. Os tocadores de durbaka recolhiam, cambaleando, ébrios de arakich. Fechavam-se os cadeados que separam os bairros: os

⁹⁰ LÉRY, 1951, p.192; CERTEAU, 1982, p.215.

⁹¹ CERTEAU, 1982, p.215.

⁹² QUEIROZ, 1982, p.808.

muxarabis dormiam, escuros, os cães começavam a ladrar. Toda aquela féerie apagava-se lentamente – e nós reentrávamos na fria realidade, monótona, imbecil, banal e cor de poeira.⁹³

A realidade cor de poeira é aquela que o ocidental mesquinho traz da Europa mas é também a própria cidade, o próprio Oriente, despido do sonho que a viagem e a festa permitem vir à tona. Mas a cidade oriental é o “espelho em negativo” da cidade ocidental, para além de uma projeção de antigas fantasias do autor e do ocidente.

Referências Bibliográficas

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, Michel de. Etno-grafia. A oralidade ou o espaço do outro: Léry. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América – as quatro viagens e o testamento*. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- EÇA DE QUEIROZ. *O Egito*. In: *Obras de Eça de Queiroz* volume III. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1979.
- FLAUBERT, Gustave. *Voyages*. V.2. (Tome second: Voyage en Orient: Égypte, Palestine, Asie Mineure, Constantinople, Grèce, Italie (1849-1851). Contantine, Tunis et Carthage (1858). Paris: Sociéte les Belles Lettres, 1948.
- GÖETHE, Wolfgang. *Memórias*. II volume. (Viagem à Itália – Minha Campanha da França – Excertos sobre uma Viagem no Reno – Anais). São Paulo: José Olympio, 1947. (Tradução: Osório Borba; Introdução: Brito Broca)

⁹³ QUEIROZ, 1979, p.818.

- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução integral e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Fontes, 1951.
- REICHLER, Claude, Représentation et médiation symbolique dans la littérature de voyage. *Études de Lettres* (Mots et images nomades). Revue de la Faculté des Lettres. Université de Lausanne. 1995.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAID, Edward. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. In: *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. *Prazer da leitura, desprazer da viagem*. Jornal do Brasil, 31 de outubro de 1998. Idéias/Livros, p.5.
- SCHORSKE, Carl. A Ringstrasse, seus críticos e o nascimento do modernismo urbano. *Viena Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Resumo

A partir do relato que o escritor Eça de Queiros fez de sua viagem ao Egito em 1869, pode-se dizer que a descrição das cidades orientais, neste caso o Cairo e Alexandria, sofre a influência dos *topoi* do Ocidente sobre o Oriente, mas também das profundas transformações sofridas pelas cidades ocidentais no decorrer do século XIX.

Resumé

À partir du récit que l'écrivain Eça de Queiroz a fait de son voyage en Égypte en 1869, on peut dire que la description des villes orientales, dans ce cas Le Caire et Alexandria, est influencée par les *topoi* de l'Occident sur l'Orient, mais aussi par les profondes transformations que ont vécu les villes occidentales au siècle XIX.